

Os Lusíadas e Mensagem: duas obras em perspectiva

Barbara Barros Gonçalves Pereira Nolasco*

<https://orcid.org/0000-0001-7864-9350>

Resumo: Tendo como objeto de estudo as obras *Os Lusíadas* e *Mensagem*, o presente trabalho tem como objetivo o cotejo das principais temáticas apresentadas em cada uma delas. Para tanto, serão evidenciadas as questões pertinentes ao espaço, às diferentes conotações empregadas aos reis que governaram o país e à figura do mito, marcada por D. Sebastião. Pretende-se, a partir desta análise comparativa, sublinhar o fato de que um mesmo território – do ponto de vista geográfico – pode apresentar-se de diferentes maneiras dependendo do contexto histórico em que ele for descrito e das “representações” (Jobim, 2020) que lhe forem atribuídas.

Palavras-chave: *Os Lusíadas*. *Mensagem*. Literatura portuguesa.

Os Lusíadas and Mensagem: two works in perspective

Abstract: As an object of study the works *Os Lusíadas* and *Mensagem*, the present work aims to collate the main themes presented in each one of them. To this end, issues pertinent to space, the different connotations used for the kings who governed the country and the figure of myth, marked by D. Sebastião, will be highlighted. The aim, from this comparative analysis, is to highlight the fact that the same territory – from a geographic point of view – can present itself in different ways depending on the historical context in which it is described and the “representations” (Jobim, 2020) assigned to it.

Keywords: *Os Lusíadas*. *Mensagem*. Portuguese literature.

Os Lusíadas y Mensagem: dos obras en perspectiva

Resumen: Teniendo como objeto de estudio las obras *Os Lusíadas* y *Mensagem*, el presente trabajo pretende comparar los principales temas presentados en cada una de ellas. Para este fin, se destacarán cuestiones relativas al espacio, las diferentes connotaciones utilizadas para los reyes que gobernaron el país y la figura del mito, marcada por D. Sebastião. El objetivo, a partir de este análisis comparativo, es resaltar el hecho de que un mismo territorio – desde el punto de vista geográfico – puede presentarse de diferentes maneras dependiendo del contexto histórico en el que se describe y las “representaciones” (Jobim, 2020) asignado a él.

Palabras clave: *Os Lusíadas*. *Mensagem*. Literatura portuguesa.

* Universidade Federal Fluminense. Doutoranda em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense. Mestre em Letras com Área de Concentração em Literatura Brasileira pelo Centro Universitário Academia - UniAcademia. Graduada em Letras / Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Academia - UniAcademia. E-mail: barbarabarrosnolasco@gmail.com.



Introdução

Quatro séculos distanciam as genialidades ímpares de Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa – aquele, um dos maiores poetas do Classicismo português, que lançou “sobre os pósteros a sombra incômoda de sua glória” (Berardinelli, 2000, p. 2) com seu *Os Lusíadas* (1572), livro épico de dimensão humanista-renascentista; este, vinculado ao Modernismo, especificamente pertencente à geração Orpheu, a que mais contribuiu para o movimento se destacar em Portugal, e escritor de *Mensagem* (1934).

Respectivamente situados no início e na fase terminal do extenso processo de dissolução do império, as obras produzidas por Camões e por Pessoa são estruturalmente bem definidas. Os poemas – separados entre dez Cantos¹ ou entre três partes – têm como principal ponto de convergência a evocação de um passado glorioso que está na memória do povo português.² Portugal, “ao mesmo tempo [...] país de Camões e de Pessoa” (Lourenço, 1999, p. 107), como ressalta Eduardo Lourenço em um de seus textos, é o tema central em ambos os poemas,³ o que é constatado desde o título concretizado na épica de Camões e desde o prefácio⁴ na obra pessoana.

Cleonice Berardinelli, especialista no assunto, defende que as duas obras apresentam uma reflexão sobre as consequências dos “feitos cantados” (Berardinelli, 1985/86, p. 9). Consoante a camonista,

N’*Os Lusíadas*, a reflexão é feita ao iniciar-se a viagem de Vasco da Gama, e pela boca pessimista do Velho do Restelo; em *Mensagem*, o poeta fala por sua própria boca, lamentando os prantos e as perdas, mas concluindo que ‘tudo vale a pena’ (Berardinelli, 1985/86, p. 9)

¹ Para Jorge de Sena, há, ainda, uma subdivisão interna. Propõe o autor quatro planos distintos: “o do próprio Poeta, quando pessoalmente intervém com comentários que não estão postos na boca de qualquer personagem; o da narrativa da Viagem propriamente dita (desde as proximidades de Moçambique à Índia, e desta à Ilha dos Amores, com o regresso rapidamente anotado depois); o da ação direta ou indireta dos Deuses; e o da História de Portugal, desde as origens até à partida de Lisboa em 1497” (Sena, 1980, p. 111).

² Maurice Halbwachs trabalha pormenorizadamente o conceito de memória na obra *A memória coletiva*, estabelecendo que a reconstrução do passado está atrelada às lembranças, às memórias vividas e experimentadas “por um determinado grupo, comunidade ou sociedade” (Halbwachs, 2006, p. 8).

³ Para uma leitura mais aprofundada a respeito, consultar Berardinelli, (2000) e Lourenço (2009).

⁴ “O meu livro *Mensagem* chamava-se primitivamente *Portugal*” (Pessoa, 2021, p. 7).

Se, por um lado, o discurso daquele velho de “aspeito venerando” (*Lus.* IV, 94) manifesta certa carga de negatividade, por outro, o discurso do próprio Fernando Pessoa, ainda que reverbere as dores por aqueles que não voltaram do além-mar e as lágrimas deixadas por Portugal, não se limita ao sofrimento ou ao lamento: para ele, “Quem quer passar além do Bojador / Tem que passar além da dor” (Pessoa, 2021, p. 64), suportando os desafios e obstáculos vindouros por um bem maior, coletivo, em nome de seu povo e de sua nação. Ambas as premissas atendem a um conceito nacionalista de amor à Pátria. No texto do século XVI, o narrador se diz fortalecido pelo

[...] amor da pátria, não movido
De prêmio vil, mas alto e quase eterno;
Que não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
[...]
(*Lus.* I, 10)

Neste fragmento, o poeta enfatiza seu sentimento de orgulho pela nação, declarando que não considera como “prêmio vil” ser conhecido como alguém que canta as glórias da sua terra. Nesse sentido, o texto camoniano segue um percurso de cunho enaltecedor, dirigido, especialmente, às conquistas ultramarinas, resultando em convicções como a que estampa este verso: “E, se mais mundo houvera, lá chegara” (*Lus.* VII, 14). Quatro séculos mais tarde, Fernando Pessoa dá a mesma importância aos tais feitos, e assegura:

E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português
(Pessoa, 2021, p. 55).

Consoante se verifica, em ambos os textos “patenteia-se o orgulho da expansão de Portugal” (Berardinelli, 2000, p. 3). Contudo, ainda que ambos os poetas cantem em nome de um mesmo território nacional, suas abordagens são feitas distintamente, uma vez que o texto publicado no século XVI viu um Império que se encontrava em plena fase de expansão⁶ e, em contrapartida, o escrito no século XX conviveu com a sua

⁶ Ainda que houvesse sinais de declínio, o Império Português ainda se mantinha politicamente vivo.

decadência. Não teria, pois, Portugal, a mesma conotação em Pessoa que teve em Camões, consoante ressalta Eduardo Lourenço em seu *Labirinto da Saudade*:

A interpelação que Portugal representou para Pessoa nem prolongará a reiteração do <<patriotismo camoniano>> nem retomará sob outra forma [...]; essa interpelação traduzir-se-á por uma rasura integral do sentido comum de patriotismo. A Mensagem onde esse patriotismo-outro se encarnará poeticamente não é Os Lusíadas de um Portugal sem realidade epopéica efectiva, mas um Anti-Lusíadas, epopeia elegíaca da autodissolução da nossa particularidade histórica empírica como caminho, ascensão e transição de todas as particularidades, suicídio sublime da personalidade na era de uma impessoalidade realmente universal e fraterna (Lourenço, 1992, p. 106)

Noutra obra, outro Lourenço destaca, ainda, acerca do Portugal pessoano, as grandes potencialidades do Império, que, como “nação criadora, [...] [criou] o mundo moderno” (Lourenço, 2009, p. 154-155). Levando em consideração as particularidades com que os textos, de modo geral, descrevem/conceituam/caracterizam os territórios aludidos, esclarece José Luis Jobim:

[...] não se considera [...] adequado [...] afirmar que determinado território, povo, paisagem ou literatura é isso ou aquilo, ou seja, que possui características ou elementos constituintes permanentes, com uma e a mesma essência que se reiteraria por tempo indeterminado. Isto ocorre porque agora se presume que não são apenas qualidades supostamente essenciais que estão em jogo, mas modos de conhecer e dar sentido a estes territórios, povos, paisagens ou literaturas. Quando se designa como *representação* um modo de conhecer e dar sentido a estes referentes, isto significa [...] um distanciamento do essencialismo que acreditava em características permanentes e inerentes ao ser. [...] [E]m vez de imaginar que é possível uma descrição totalizante e essencialista de determinado território, povo, paisagem, ou de sua literatura e cultura, recentemente passou-se a associar as descrições aos pressupostos a partir dos quais elas são feitas, e a designar esta associação como *representação*. Ou seja, em vez de dizer que determinado território, povo, paisagem ou literatura é isso ou aquilo, supondo um essencialismo atemporal, diz-se que é *representado como sendo isso ou aquilo, em um contexto-histórico determinado* (Jobim, 2020, p. 20-21, grifos do autor).

Em ambas as obras, tais “representações” são interpostas ao longo de todo o discurso poético por meio de elementos vários que particularizam o seu povo, a sua cultura, as suas crenças, características estas que sofrem (e sofreram) transformações com o passar dos anos (ainda mais: dos séculos, nesse caso), com os seus múltiplos contextos históricos. Dessa forma, é remontado um Portugal da era camoniana e outro

da era pessoana, construídos a partir das representações de personalidades históricas, míticas e heroicas que permeiam os poemas, o que se verá a seguir.

Quatro séculos de distância: dois épicos portugueses em dissonância

Em *Os Lusíadas*, conforme aponta Jorge de Sena em um de seus muitos estudos, “[...] as intenções do autor iam muito além do desejo de celebrar a história de Portugal” (Sena, 1972, p. 147-148). Oliveira Macêdo é mais enfático:

Luís de Camões pretende celebrar feitos gloriosos, dignos de louvor, praticados por pessoas valorosas – navegadores, guerreiros, reis, missionários [...] –, votadas à dilatação da Fé e do Império, e que conseguiram ultrapassar todas as barreiras (espaciais e ideais) no mar e na terra, merecendo por isso ser recordadas através dos tempos, ou seja, imortalizadas (Macêdo, 2002).

Para tal, o poeta se utiliza de modelos históricos exemplares: os audazes portugueses de “peito ilustre Lusitano” (*Lus.* I, 3)⁷. Logo no início da epopeia, o narrador-épico faz uma alusão à história pregressa de Portugal, e, a partir de então, são postas em voga as virtudes dos grandes reis que se evidenciaram pela fundação e expansão do reino. Esse discurso enaltecedor da concretização dos grandes feitos denota a relevância conferida pelo poeta à atividade combativa, bélica, ação que se encontra representada em fragmentos como os transcritos a seguir, que ora retratam uma vontade imperiosa de um rei – D. Afonso III, nesse caso – em dilatar o império, ora remontam uma cena de batalha – protagonizada, aqui, por D. Afonso IV –:

[...] o Reino governou
O Conde Bolonhês, depois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ócio dado.
Este, que Afonso o Bravo se chamou,
Depois de ter o Reino segurado,
Em dilatá-lo cuida [...]
[...]
(*Lus.* III, 94)

⁷ Eduardo Lourenço (2007) os define como “verdadeiros heróis da realidade”.

Entre todos no meio se sublima,
Das insígnias Reais acompanhado,
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o colo alevantado,
E somente co gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado.
Assi entra nas terras de Castela
[...]
(*Lus.* III, 108)

Esse caráter (comb)ativo observado no texto de Camões não é encontrado no de Pessoa. Diferentemente do que faz Luís de Camões ao exaltar as ações de combate, o autor do épico-lírico traz uma valorização da dimensão contemplativa e se utiliza das figuras reais retratadas como uma maneira de realçar não a capacidade bélica de seu povo, mas a capacidade mental, do pensamento, como é o caso do D. Dinis descrito por Pessoa, um rei que fazia versos e plantava pinhais:

*Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver,
E ouve um silêncio múrmuro consigo:
É o rumor dos pinhais que, como um trigo
De Império, ondulam sem se poder ver.*

Arroio, esse cantar, jovem e puro,
Busca o oceano por achar;
E a fala dos pinhais, marulho obscuro,
É o som presente desse mar futuro,
É a voz da terra ansiando pelo mar.
(Pessoa, 2021, p. 28, grifos nossos).

As figuras selecionadas em *Mensagem* estão representadas por meio de um aspecto misterioso, enigmático, utópico. Seus heróis são revelados a partir de uma esfera conceitual e se encontram numa eterna busca pelo infinito, pela sua missão por cumprir⁸. O intenso desejo de fugir de um cotidiano absurdo – que é o presente – é colocado como uma importante questão. A pretensão, portanto, é a de resgatar de um passado heroico as personagens dotadas de valor e honra e, assim, “[...] elevar a alma triste dos portugueses, para que estes pudessem, tomando consciência do que foram, imaginar o que ainda poderiam ser” (Silva, Cardoso, Moreira, Rente, [s.d.], p. 15 *apud*

⁸ “[...] falta cumprir-se Portugal” (Pessoa, 2021, p. 53).

SINDE, 2010). Essa esperança de um futuro ideal, de acordo com Cleonice Berardinelli, aparece de maneira clara ao longo de todo o poema “Nevoeiro”. Diz a estudiosa:

[...] desde o título [...] até a palavra final, que o repete, instala-se a esperança, pois que o nevoeiro é ‘o prelúdio da manifestação’, a véspera da revelação (v. *Dictionnaire des Symboles*, verbete *brouillard*). Rasgado o nevoeiro, surgirá o rei do Quinto Império, El-Rei D. Sebastião. (Berardinelli, 1985/86, p. 12, itálicos do autor).

Esse estilo mais abstrato, sensível e contemplativo empregado na obra pessoana também contrasta com o modelo camoniano. Em *Os Lusíadas*, Camões confere ao então rei de Portugal o papel de narratário de todo o discurso,⁹ e sua figura está representada no plano do real. Apesar de jovem,¹⁰ é enunciado como o escolhido de Deus para converter ao cristianismo as “terras viciosas” (*Lus.* I, 2), os infiéis. É também incutida nessa mesma figura heroica – mas humana – a missão das conquistas, do expansionismo material, conforme realçado em parte da dedicatória:

E, enquanto eu estes canto [...],
Sublime Rei [...],
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que polo mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares
De África as terras e do Oriente os mares.
(*Lus.* I, 15)

Mais de uma vez o narrador-épico assume o papel de incitar o rei a realizar novos feitos para alcançar, enfim, uma honra suprema. Lê-se em uma das estrofes do último Canto:

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses,
Possam dizer que são pera mandados
Mais que pera mandar, os Portugueses.
(*Lus.* X, 152).

⁹ Cf. Macêdo (2002).

¹⁰ Definido como “tenro e novo ramo florecente” (*Lus.* I, 7), o rei D. Sebastião tinha apenas dezoito anos na época da publicação d’*Os Lusíadas*.

É exatamente essa fama tão cobiçada pelo povo lusitano a grande impulsionadora do herói a transpor os vários obstáculos interpostos na narrativa. Ela aparece como resultado de sua “ousadia” (*Lus. IX, 88*), como uma compensação aos “feitos grandes” (*Lus. IX, 88*), àquelas “preminências gloriosas” (*Lus. IX, 89*), e é acrescida por um “prêmio [...] bem merecido” (*Lus. IX, 88*), repleto de “doces jogos” (*Lus. IX, 87*) e “prazer contínuo” (*Lus. IX, 87*), que é conferido aos portugueses nos versos que seguem:

Estes e outros barões, por várias partes,
 Dinos todos de fama e maravilha,
 Fazendo-se na terra bravos Martes,
 Virão lograr os gostos desta Ilha,
 Varrendo triunfantes estandartes
 Pelas ondas que corta a aguda quilha;
 E acharão estas Ninfas e estas mesas,
 Que glórias e honras são de árduas empresas.

Assi cantava a Ninfa; e as outras todas,
 Com sonoro aplauso, vozes davam,
 Com que festejam as alegres vodas
 Que com tanto prazer se celebravam.
 “Por mais que da Fortuna andem as rodas
 (Nũa cônsona voz todas soavam),
 Não vos hão de faltar, gente famosa,
 Honra, valor e fama gloriosa.”
 (*Lus. X, 73-74*)

Para contrastar as dessemelhanças entre as ideias centrais expostas nas quatro últimas estâncias supracitadas e o seu par comparativo do texto pessoano, retornemos à figura de D. Sebastião – enaltecido por Camões pelos aspectos relacionados “[...] [ao] cariz messiânico e salvador [...], [à] valentia guerreira [...], [à] missão religiosa e de cruzada [...], [à] difusão] do Império e do Poder” (Silva, Cardoso, Moreira, Rente, [s.d.], p. 18 *apud* Macêdo, 2002).

Em *Mensagem*, Pessoa recria um D. Sebastião que vive apenas na memória do povo lusitano como uma sombra, como um mito, como o “ser que houve, não o que há” (Pessoa, 2021, p. 37). Metaforicamente apresentado como “O Desejado”, “O Encoberto”¹¹, também aparece nominalmente em cinco poemas¹² e é a última entidade histórica a ser

¹¹ Cf. poemas 3, 4 e 5 d’*Os Símbolos*, localizados na Terceira Parte da obra.

¹² Na Primeira Parte (*Brasão*), aparece em *D. Sebastião, rei de Portugal, n’As Quinas*; na Segunda Parte (*Mar Português*), aparece n’*A última nau*; na Terceira Parte (*O Encoberto*), aparece em *D. Sebastião, n’Os Símbolos*; n’*O Quinto Império*, n’*Os Símbolos*; e em *Antônio Vieira, n’Os Avisos*.

mencionada na obra, realçando que a nação portuguesa ficou marcada pelo vazio após a sua ausência, após o silêncio forçado pelo seu desaparecimento. Em sua análise, Cleonice Berardinelli assegura: “D. Sebastião, o mito, será o herói do poema, aquele que será chamado ‘meu sonho e meu Senhor!’” (Berardinelli, 1985/86, p. 5). O sebastianismo pessoano representa a redescoberta, por parte do povo, do verdadeiro espírito lusitano, ávido pela construção do Quinto Império¹³ e da sede do impossível que caracteriza “a loucura” do ser humano que deseja ultrapassar a própria natureza. Assim, diferentemente do que ocorre na epopeia clássica, o herói, em Pessoa, desconhece a plenitude, a satisfação resultada do triunfo; ao contrário, é dotado de uma insatisfação absoluta, retratada nos dois poemas a seguir:

Os deuses vendem quando dão.
Compra-se a glória com desgraça.
 Ai dos felizes, porque são
 Só o que passa!

Baste a quem baste o que lhe basta
 O bastante de lhe bastar!
 A vida é breve, a alma é vasta:
 Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza
 Que Deus ao Cristo definiu:
 Assim o opôs à Natureza
 E Filho o ungiu.
 (Pessoa, 2021, p. 20, grifos nossos)

Triste de quem vive em casa,
 Contente com o seu lar,
 Sem que um sonho, no erguer de asa,
 Faça até mais rubra a brasa
 Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
 Vive porque a vida dura.
 Nada na alma lhe diz
 Mais que a lição da raiz –
 Ter por vida a sepultura.

[...]
 (Pessoa, 2021, p. 76)

¹³ “O Portugal que [...] antevê no futuro situa-se além do material. [...] Portugal não será assim grande em domínio territorial, mas em valores espirituais e morais. [...] O objetivo do poeta é [...] espiritualista, desligado do espaço e do tempo reais” (Silva, 1989).

O herói pessoano destoa do herói camonianiano de maneira expressiva. Ao enaltecer a infelicidade humana – afinal pressupõe que “ser descontente é ser homem” (PESSOA, 2021, p. 76) –, ele se compadece de quem é feliz (como se pode ser feliz se a vida é dura?), e enfatiza que o sentido da vida deriva da contemplação da “desgraça”, destacada em dois dos versos transcritos acima. Em Camões, entretanto, a desgraça, a infelicidade e a insatisfação são cantadas em muito menor escala que outros sentimentos; em vez disso, as glórias, as conquistas, as honras, a fama, enfim, “o prêmio vil” (*Lus.* I, 10) “concedido àqueles que viveram, em plenitude, um ideal português de *virtù* humana no século de Quinhentos” (Aguiar e Silva, 1999, pp. 139-140) são os grandes mercedores de sua homenagem, ainda que a “apagada e vil tristeza” (X, 145) apontada na pátria confira um “tom desalentado [a]o final de *Os Lusíadas*” (Berardinelli, 1985/86, p. 11).

Considerações finais: um adendo

Um intervalo multissecular separa *Os Lusíadas* e *Mensagem*, mas não somente. Esse largo espaço de tempo também separa os períodos históricos vividos por cada um dos autores. Camões conheceu uma época em que ainda era possível ter esperanças, em que havia razões recentes para pressupor um futuro promissor da amada terra portuguesa. Pessoa, entretanto, sobreviveu na aspereza dos seus “dias vácuos” (Pessoa, 2021, p. 85), em que as forças para acreditar já se faziam ausentes após quatro séculos de decadência. Além de se afastarem pelo tempo e pela história, Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa também se distanciam devido às suas diferentes maneiras de retratar aspectos relacionados às suas culturas, tradições e ideologias, elementos intrínsecos aos distintos contextos experienciados.

Isso se nota, por exemplo, no que tange ao aspecto divino e suas diferentes formas de representação nos dois poemas. Em Camões, a intervenção divina surge como um complemento do valor dos gloriosos heróis portugueses que agem direcionados pela fé em Cristo e que, detentores de um alto valor supremo, são capazes de escapar, inclusive,

às leis da morte. Em Pessoa, entretanto, é a própria história de Portugal que é realçada à luz de um plano sagrado, e, uma vez que o país é colocado como sendo um instrumento de Deus, a concretização da missão terrena de Portugal só se daria a partir da vontade divina, do que havia sido consagrado/predito por Deus. Apesar das singelas diferenças apontadas quanto à manifestação etérea ressaltada nas obras, ainda assim o fato de que ela se faz presente, isto é, o elemento divinal aparece sendo representado tanto no texto do século XVI quanto no do XX, é algo que se deve destacar.

Ainda que pertençam a um mesmo território físico, a própria forma de pensar, as próprias crenças diferem entre a sociedade que habita o Portugal dos tempos de Camões e a que habita o dos tempos de Pessoa. Aliás, até a maneira que cada um dos poetas tem de enxergar sua nação e seus conterrâneos – ainda que a maior parte dos portugueses citados comumente em ambos os textos tenha sido retratada a partir de um olhar voltado para o passado – diverge em alguns pontos já ressaltados. Isso se deve a dois fatores. Em primeiro lugar, deve-se à oportunidade experienciada por Camões de viver no Portugal que, há pouco, tornara-se a maior potência do mundo devido às Grandes Navegações.¹⁴ Pessoa, por sua vez, deparara-se com um império em decadência, e, quanto às glórias de tempos distantes, delas apenas recebera notícias, ou seja, apenas tivera contato com suas representações, advindas por meio de imagens que “remete[m] em ideia e na memória aos objetos [e tempos] ausentes, e que os pinta[m] [...] tais como são” (Jobim, 2020, p. 65). Em segundo, deve-se à já citada distinção dos aspectos culturais que vigoravam em cada século analisado, tomando como princípio que “a cultura é produto e reflexo da história particular de cada comunidade humana” (JOBIM, 2020, p. 90).

Esses e outros elementos que compõem as diferentes visões de mundo, esperanças, preocupações, desejos e anseios de cada um dos autores fazem com que a comparação entre obras que remetam a um tema similar, ainda que em períodos

¹⁴ Não se deve ignorar, contudo, como lembra Helder Macedo, o contexto geral do Portugal em que vivia Camões, em seus mais diversos aspectos: “[...] a prostituição masculina rivalizava com a feminina. Judeus e mouros coexistiam e traficavam lado a lado com cristãos vindos de toda a Europa. [...] A violência pública abrangia todas as classes sociais” (Macedo, 2010, p. 36).

distintos – e, nesse caso, embora advenham de um mesmo território –, seja possível e possa levar a mais pesquisas e estudos afins.

Referências

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. Função e significado do episódio da “Ilha dos Amores” na estrutura de *Os Lusíadas*. In: AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Camões: labirintos e fascínios**. Lisboa: Cotovia, 1999, p. 131-143.
- ALVES, Ida Ferreira. Diálogos e silêncios na poesia portuguesa: décadas de 60 a 90. **Revista Letras**, Curitiba, n. 59, p. 83-92, jan./jun. 2003.
- BERARDINELLI, Cleonice. *Os Lusíadas e Mensagem: um jogo intertextual*. In: **Estudos Camonianos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BERARDINELLI, Cleonice. Mensagem. **Revista de Letras** (Universidade Federal do Ceará), Fortaleza, n. 9/10, p. 1-12, jul./dez. - jan./jun. 1985/86.
- CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Dois Irmãos: Clube de Literatura Clássica, 2022.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LOURENÇO, António Apolinário. **Fernando Pessoa**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- LOURENÇO, Eduardo. Pessoa e Portugal e Portugal e Pessoa. In: DIX, Steffen; PIZARRO, Jerónimo (org.). **A arca de Pessoa**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.
- LOURENÇO, Eduardo. **A nau de Ícaro seguido de Imagem e miragem da lusofonia**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1999.
- LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade: psicanálise do destino português**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- JOBIM, José Luis. **Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações**. Rio de Janeiro: Makunaima; Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020.

MACEDO, Helder. “Luís de Camões: o testemunho das cartas”. **Floema**, ano VI, n. 7, p. 33-41, jul./dez. 2010.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Editora Literatura Clássica Ltda.: Dois Irmãos/RS, 2021.

SENA, Jorge de. **A estrutura de *Os Lusíadas* e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI**. Lisboa: Edições 70, 1980.

SENA, Jorge de. Camões: Quelques vues nouvelles sur son épopée et sa pensée. *In*: SENA, Jorge de. **Visages de Luís de Camões, Conférences**. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian: Centro Cultural Português, 1972.

SILVA, Lino Moreira da. **Do texto à leitura (Metodologia da abordagem textual) com a aplicação à obra de Fernando Pessoa**. Porto: Porto Editora, 1989.

SILVA, Pedro; CARDOSO, Elsa; MOREIRA, Maria Céu; RENTE, Sofia. **Expressões**. Porto: Porto Editora, [s.d.].

Recebido em 10/07/2024.

Aprovado em 17/09/2024.